

Número da fita: 0129

Título: Entrevista com Nilzete Nascimento

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:00:00	00:01:24	Pessoas tocam o tambor e cantando	Cantam sambas			
00:01:25	00:02:01	Idem.	Cantam: “ huhu, é caxambu”, e batem muitas palmas	JO		
00:02:02	00:02:41	Imagem fechada em Rogério	Canta o ponto: “O machado estava quieto (?) cajado de Oxalá”	JO		
00:02:42	00:03:40	Idem.	“(?) Primeiro eu peço a licença Para a rainha lá do ar Para saudar (?)”			
00:03:41	00:04:21	Nilzete (Nêga) sentada	Nome: Nilzete Nascimento Idade: 48 anos Nasceu no quilometro 35			
00:04:22	00:04:55	Idem.	Nasceu em uma fazenda e viveu lá com seus pais como colonos. Trabalhavam na roça.	CN		
00:04:56	00:05:23	Idem.	Nome da mãe: Maria Isaura do Nascimento, também nasceu no quilometro 35 que é entre São Mateus e Nova Enércia. Nome do Pai: Manoel Nascimento			

00:05:24	00:06:33	Idem	Diz que o avô dançava jongo. Cona que ele era “bem branquinho” com o “cabelo dourado”. Diz que gostava de ver o avô dançar jongo desde a idade de 5, 6 anos, na porta da igreja. Era o pai de sua mãe de nome Antônio Barros, que também trabalhava com plantações.	JO		
00:06:34	00:07:06	Idem.	Fala do seu ex-marido. Tem três filhas e seis netos. Diz que todos dançam jongo	JO		
00:07:07	00:07:39	Idem.	Diz que o Jongo lá de São Mateus é mais do interior, tinha em um lugar chamado Serraria. Diz lá tem as pessoas da mesa e que quem participa da mesa acaba fazendo o “ritual” do jongo, mas o avô dela dançava era na rua.	JO		Mesa nas referências a São Mateus aparece na Cabula.
00:07:38	00:08:23	Idem.	Com cinco anos foi morar na cidade de São Mateus e o avô ficou na roça, mas todo o final de ano, no dia 27 de dezembro ia para casa dela, se arrumava, e ia dançar jongo na porta da igreja e no outro dia ia para a roça. Quando o avô morreu ela tinha mais ou menos 10 anos, então ela não assistiu muito o jongo com ele.	JO		
00:08:24	00:08:30	Idem.	Morou em lugar chamado rua sete aonde as vizinhas iam para a praça dançar jongo.	JO		
00:08:31	00:08:51	Idem.	Define mesa como “o pessoal espírita”, e diz que o jongo vem através de uma mesa ou vem por um santo da igreja. Fala de caso dela o jongo veio do santo, mas fala que a mãe do sogro dela era espírita.			

00:08:52	00:10:27	Idem	Conta como foi criado o seu grupo de jongo. Diz que não tem data. Tinha um grupo lá que baia a muito tempo em frente a igreja e o sogro dela fazia parte desse grupo, mas tinha os seus próprios tambores e fazia também as festas nos bairros nas “vésperas de santos”. E em 1945 o senhor que tomava conta do jongo não pode mais ficar “na porta da igreja” e aí o sogro dela que passou a ficar, mas Nega ressalta que ele já tinha os tambores dele. Diz que o seu sogro era festeiro, baia o jongo nas festas de Santo Antônio, de Santana nas casa dele e nos bairros. Diz que saiam o dia inteiro passando de casa em casa, mas agora parou um pouco e que o número de crentes da cidade aumento e isso dificultou um pouco as atividades do jongo ela também começou a trabalhar o que também dificultou. Mas o grupo não parou	JO	Reclama da presença dos evangélicos que dificulta as atividades do jongo	
00:10:28	00:11:08	Idem.	Hoje o grupo é composto por 35 pessoas, com crianças, adultos e jovens. Agradece ao Rio de Janeiro e fala das oficinas.	JO		
00:11:09	00:11:54	Idem.	Estão esperando a doação do prefeito de um terreno “que já deveria ter doado”, para fazer uma sede. Por que a sede que eles tem agora é pequena e ela diz que está na horas deles terem uma sede maior.	JO		
00:11:55	00:12:37	Idem.	Fala que o jongo compete com os congos, que formam um grupo maior, “carnavalesco”. Diz que o jongo é mais lento do que os congos. Também fala que os grupos de congos reclamam, mas eles têm até associação.			
00:12:38	00:15:00	Idem.	Fala da sua candidatura, pelo PT, a vereadora que ocorreu pela sua atuação no sindicato da limpeza de São Mateus. É filiada a mais de 20 anos ao PT. Entra no PT pela sua atuação nas comunidades. O grupo de jongo também em relação com o movimento sem terra			

00:15:01	00:15:50	Idem.	Fala das mulheres na política, e ela quer se mais uma porque tem o direito de 30%, que lá em São Mateus não é ocupado. Fala que a mulher está bem em todas as áreas, e não vai ser na política que ela não vai ocupar o seu lugar. Está lá ocupando o lugar das mulheres na política e valorizando a mulher negra			
00:15:51	00:17:52	Idem.	Fala que não concorda com a posição do partido no apoio ao prefeito devido a aliança que foi formada com o PMDB, o PV e outros partidos. O sindicato está apoiando a campanha dela.			
00:17:53	00:19:45	Idem.	Fala que os instrumentos usados no grupo são de muito tempo atrás e o sogro dela só trocava o couro, que é de boi. Conta como se faz para preparar o couro para colocar no tambor. Os tambores são feitos por eles mesmos de forma artesanal. Usam tambores e reco-reco, também feio de madeira e uma caixa com linhas, o apito, o bastão.	JO		

00:19:46	00:23:40	Idem.	Fala do sogro dela que veio do Sapê do Norte, que fica entre São Mateus e Conceição da Barra. A mãe dele se chamava: Efigênia Pereira, era mesária “das boas” e morreu com 93 anos. A nega mora com uma das filhas da Efigênia que tem 83 anos, chamada Edézia. Diz que lá no Sapê do Norte tem muita cultura. O nome do sogro dela é Seu Salvino. Ele trabalhou de vaqueiro para a família Pimentel, mas ressalta que ele não era escravo que o “senhor tratou ele como gente”. Cona que esse senhor Pimentel deixou terras e animais para seu Salvino, a terra hoje está sendo vendida pelos filhos deles. Ela fala que são seis hectares de terras, que dava até para fazer um quilombo e erguer uma igreja de São Benedito e fazer uma sala para o jongo lá na igreja, porque foi ali que seu Salvino morou e ele foi um mestre. Seu Salino some e ela e a irmã dele passam a tomar conta do grupo, ela já vinha acompanhando o grupo, mas com o sumiço do sogro passou a estar de frente do grupo. Ainda fala que elas são as únicas mulheres a estar de frente do jongo no Estado.	JO QL CN		
00:23:41	00:25:23	Idem.	Ela fala que acha que seu Salvino aprendeu a fazer o jongo com mãe dele porque a mãe dele era mesária. Ela fala que ele era católico, mas a mãe dele era mesária e que acredita que ele aprendeu a bater tambor com ela que era mesária, ela tinha um tambor. Ela ainda relata que ele fala que não aprendeu com ninguém, aprendeu sozinha. O Seu Júlio batia em frente da Igreja e Seu Salvino participava desse grupo, mas depois forma o seu próprio grupo.	JO		
00:25:24	00:26:04	Idem.	Hoje lá em São Mateus existem dois grupos, o Menino Jesus de Praga que parou de se apresentar e o grupo dela que é o Jongo de São Benedito. A maior festa é no dia 26 de dezembro que o dia de erguer o mastro.	JO		

00:26:05	00:26:47	Idem.	Relata que o Bispo agora de lá da localidade é negro e baiano, e no dia da festa de São Benedito dançou o jongo com eles. Ela di que eles estão na igreja e estão também no espiritismo.	JO		
00:26:48	00:31:10	Idem.	Fala do relacionamento do grupo com a comunidade e do movimento negro no Rio de Janeiro. E fala da situação do negro hoje. Fala de outros assuntos mais gerais.	JO		
00:31:11	00:32:25	Idem.	Fala sobre a corrente jongueira e das coisas que o jongo tem traído para o grupo.	JO		
00:32:26	00:33:25	Idem.	Diz que ainda não definiu o que é jongo, dá a definição do dicionário. Ela diz que na prática é uma dança dos negros porque os brancos tem que treinar muito. E ninguém tira o jongo deles. Fala que essa é o “papel da classe jongueira”.	JO		
00:33:26	00:35:40	Idem.	Diz que quer que o jongo possa ajudar nos trabalhos na sociedade. Ela pensa em fazer do jongo uma possibilidade para os jovens e assim impedir que usem trocas, fala isso usando a referência a sua cidade. E o jongo ´q bom para isso porque os jovens gostam de música.	JO		
00:35:41	00:36:20	Idem.	Fala da dificuldade de entrar nas escolas que não aceitam projetos para trabalhar a questão dos negros, fala que eles só entram na briga.	JO		
00:36:21	00:36:50	Idem.	Relata que o grupo tem um compositor, chamado Miguel Barros, que faz os pontos. Mas ela explica que eles não chamam de pontos, chamam de música. Antes que fazia era o Seu Salvino e a Edézia	JO		

00:36:51	00:42:04	Idem.	Conta que a Dona Efigênia, mãe de Seu Salvino nasceu no ano do fim do cativo. Mas a Avó e a bisavó do sogro e da D. Edézia foram escravas. Ela dá o relato que em São Mateus há pessoas que assinam com Andrade porque os antepassados foram escravos da família Andrade. Fala que em São Mateus tem muitas famílias que forma escravocratas. Diz que os negros trabalhavam no café e na cana. Lá tem um bairro chamado Porto onde havia muitos escravos e depois que acabou a escravidão virou uma “zona” e era muito agitado o lugar, mas elas foram expulsas de lá. Ainda relata que no Porto morreu muitos escravos e conta algumas histórias da escravidão	ME		
00:42:05	00:43:59	Idem.	Fala da luta dos negros pela posse da terra e a briga com os fazendeiros no Espírito Santo. Fala que a conquista de direitos é a liberdade que eles tanto esperam.	JO		
00:44:00	00:46:10	Idem.	Diz que lá não tem desafio porque não tem outro grupo, mas que já houve. Ela fala que cantam em verso, mas não é em forma de desafio e ainda afirma que o jongo foi a única manifestação que podia ser feita no tempo da escravidão por não ter arma. Fala um pouco da capoeira. Também contam que os negros poderiam combinar ações pelos versos do jongo. O desafio foi retirado do jongo para não ter briga.	JO		
00:46:11	00:47:29	Idem.	Não participa do reis diretamente, mas ajuda e abre a casa para eles entrar e ensaiar. O compositor do grupo de jongs canta no reis.	FR		
00:47:30	00:48:32	Idem.	Ela é a liderança do grupo e isso lhe dá a função de direção, mas todo o grupo já sabe fazer, eles podem sair sozinho.	JO		
00:48:33	00:50:13	Idem.	O jongo para ela é um momento de fé de força. E a comunidade se sente importante por ver o grupo saindo, se apresentando. Ressalta que é necessário ter uma sede para fazerem trabalho com a comunidade. Também conta que ela e Edézia ensinam o jongo para as crianças.	JO		

00:50:14	00:52:30	Idem.	<p>Conta que quando os desafios foram retirados eles colocaram cantos mais longos. Ela fala que gosta de um canto que, para ela, se refere a todos os negros, e canta:</p> <p>“Oh meu São Benedito Por aqui vamos nós Cantando alto Pois ninguém Vai calar a nossa voz Lá para a banda de Palmares Um grito já ecoou Luta pela liberdade O povo negro começou Mas a luta na verdade Ainda não se acabou”</p> <p>Diz que é um canto que mexe com a identidade dela e do povo negro porque essa luta começou foi com Palmares mesmo e faz que um discurso sobre Zumbi. Ainda fala sobre os negros que estão juntos com os negros, para ela eles viram negros também, são os “colaboradores”.</p>	JO		
00:52:31	00:57:45	Primeiro grupo a apresentar a uma das atividades da oficina de identidade negra	O primeiro grupo apresenta a proposta de trabalho que lhe foi feita e realizam atividade através da música.			
00:57:46	01:12:15	Segundo grupo a se apresentar na atividade da oficina de identidade negra	O segundo grupo apresenta a proposta de trabalho que lhe foi feita e explica com vão realizá-la. Fazem a apresentação de forma teatralizada.			

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA